

Holdemar de Menezes fala do seu Romance A Maçã Triangular

A Maçã Triangular, romance, publicado pela Editora Movimento, Porto Alegre, 1981, foi escrito antes de “A Coleira de Peggy” e “A Sonda Uretral”, livros de contos, para citar apenas os editados.

Estava pronto e revisado em 1970. Poderia ter sido publicado logo em seguida, entretanto a publicação foi retardada por 11 (onze) anos. Além de ter havido restrições por parte de três editoras, antes de tudo, por influência de amigos, notadamente, prevaleceu a autocensura ditada pelo medo.

O romance foi escrito no curto período do Governo Costa e Silva, quando, em dado instante, acreditou-se na possibilidade de uma abertura democrática. Após a decretação do Ato Institucional nº 5, seguido que foi pelo Governo de repressão violenta do Presidente Médici, o medo voltou a imperar de forma total, alienante, neurotizante, como fora no Governo Castelo Branco.

A Maçã Triangular, portanto, é um romance escrito sobre o signo da esperança e do medo, ao mesmo tempo. Por isso, pode ele ser ambivalente, ou assim entendido como tal. O que imperava, entretanto, era o medo, especialmente durante todo o período do Governo Médici.

Só quem foi inquirido, vigiado, indiciado, perseguido por um movimento revolucionário, como foi o de 1964, pode avaliar o significado do medo, da censura, da autocensura, no processo de criação artística, especialmente da criação literária, que é construída com as palavras, muito mais fácil de serem vigiadas, mesmo por censores incultos.

A Maçã Triangular foi escrito depois de eu ter sido indiciado por crime contra a Lei de Segurança Nacional. Um presidente de IMP chegou a ameaçar-me com 16 anos de prisão, além de cassação dos direitos políticos, isso em face da minha alta periculosidade, segundo a interpretação dele . . .

Também fui indiciado em inquérito instalado pela Universidade Federal de Santa Catarina, no qual procuraram envolver-me como mentor de agitação universitária.

Não fui julgado culpado por nenhum dos inquéritos a que respondi, entretanto, até hoje, não sou considerado isento de culpa. Fui discriminado na Universidade até o dia da minha aposentadoria, que eu mesmo antecipei, quando podia lecionar ainda por 11 (onze) anos.

No INPS, da mesma forma, fui afastado de todo e qualquer cargo de chefia, pelo fato de ter respondido a inquéritos policial-militar e administrativo. Ninguém é aceito como inocente, em todos os tempos, quando foi tido, numa ocasião qualquer, como suspeito.

A Maçã Triangular é um romance que expressa esses tempos de incertezas e de medo. Ninguém é capaz de fazer uma análise correta deste romance, sem uma penetração sócio-política do tempo que foi utilizado pelo ficcionista.

Não é um romance de contestação. Poderia ser de constatação. Mas é um romance político, em que o autor aborda problemas que vivenciou com muita intensidade e assuntos que pretende entender, até mesmo por obrigação funcional.

A Maçã Triangular é um romance engajado. Não com movimentos contra o sistema, não com partidos políticos, mas, e o que é mais importante, com a realidade sócio-político-cultural de uma época terrível pelo qual o País atravessou, e da qual não emergiu totalmente.

Não é um romance revanchista. Não é um romance agressivo. Não é um romance anunciador de auroras promissoras, da vitória da liberdade. O autor preferiu narrar os fatos, o que, à época, poderia ter-lhe trazido, se publicado, conseqüências imprevisíveis.

A Maçã Triangular é um romance sem saídas, sem perspectivas, sofrido, realista, cujos personagens vivem numa ilha, em que a cerca de arame farpado é um símbolo terrível e ao mesmo tempo profético.

A Maçã Triangular, assim, não pretende realçar a realidade, mas, como obra de ficção, a supra-realidade, que deve ser a meta do ficcionista. Para a realidade existe o ensaio, no mundo das letras. Para o político, o discurso. Para o ativista, a ação direta.

Procurei, pretendi, jogar com dois tempos absolutamente distintos: a pré e a pós-Revolução de 64. Para isso, para fugir ao linear, para evitar um confronto direto, optei por dois planos de desenvolvimento do romance.

Optei, portanto, pelo caminho mais difícil, no meu entender, para minhas possibilidades de criação. Salim Miguel, com a experiência que

possui, por muitos anos de trato com os problemas da ficção, apanhou muito bem: “Jogando com dois tempos e dois planos que se interpenetram e completam, ele recria situações e personagens do dia-a-dia, um dia-a-dia presentificado na memória de muitos brasileiros”.

Lauro Junkes, que é um analista impiedoso, profundo e consciente, acha que *A Maçã Triangular* é meu livro mais maduro (apesar de ter sido o primeiro) “sob os aspectos humano, social e político”. Afirma o ilustre crítico que o romance em foco “assume franca e diretamente a condição de romance ideológico”.

Donaldo Schüler diz que *A Maçã Triangular* é um romance caótico. E mais do que caótico: apocalíptico, narrando um mundo em extinção.

Clóvis Meira, de Belém do Pará, afirma ser *A Maçã Triangular* um romance “super-realista, agressivo ao ponto de chegar a um cinismo sem limites, envolvendo personagens amorais, todos de mau caráter”.

Outros acharam o livro complexo, talvez por fugir ele dos padrões comuns.

O romance, por outro lado, não pretendeu ser uma coisa ou outra: nem amoral, nem agressivo, nem complexo. Adotei a linguagem que me pareceu melhor, bem como a forma mais adequada, para desenvolver o relato.

O que pretendi, ao escrever *A Maçã Triangular*, foi dar um testemunho, como apóstolo do meu tempo, como deve ser todo escritor, da realidade brasileira, destacada de determinado período de sua história.

É muito importante a análise dos críticos. Ela, a crítica, orienta os leitores e questiona os escritores. Não há crítica totalmente verdadeira. Para isso, no meu entender, haveria necessidade de íntimo convívio entre o crítico e o escritor. Em toda obra de ficção há segmentos totalmente impenetráveis, especialmente no que diz respeito aos motivos geradores e as intenções da obra.

A Maçã Triangular não se diferencia muito dos meus livros de contos, no que concerne à linguagem, ao compromisso com a realidade, ao intento de denúncia, já citados. Quem tiver o trabalho de ler os livros publicados do autor, sentirá a perfeita unidade entre eles.

Confesso-me um escritor engajado com a vida, com o meu tempo, com o que vejo diante dos meus olhos. Preocupa-me grandemente o homem. Se a alguns o aspecto ideológico, parece ser prioritário, o aspecto humano tem sido a minha meta.

Pretendo ser um escritor participante. Faço uma diferença entre escritor participante e escritor militante. Este último facilmente cai no sectarismo. A intolerância é patrimônio da Esquerda e da Direita. Meu compromisso é com a vida, com o homem, com a liberdade.

Em *A Coleira de Peggy*, antecedendo o conto *O Sócio*, lanço mão desta epígrafe de Camus: "O meu acordo com a vida era total, eu aderiria ao que ela era, de alto a baixo, sem nada recusar das suas ironias, da sua grandeza, nem das suas servidões."

A Maçã Triangular reafirma este meu acordo com a vida, "sem nada recusar das suas ironias, da sua grandeza, nem das suas servidões."

Sem desejar ser panfletário, não fujo aos temas mais polêmicos, pois o que me preocupa é o compromisso com a literatura. Se quisesse fazer política partidária se quisesse assumir uma atitude meramente ideológica, daria preferência ao ensaio, ao jornalismo ou a outra forma de expressão.

Pretendi fazer a *A Maçã Triangular* apenas um romance, o que vale dizer: uma obra de arte. Não quer dizer, entretanto, que obra de arte fique afastada dos grandes temas nacionais ou mesmo universais. Muito pelo contrário.

Vem daí o que chamo de escritor engajado, que é aquele comprometido com a realidade sócio-econômica de seu país. Neste social, evidentemente, alinham-se o cultural e o político.

Se eu pretendesse escrever um romance sobre a indústria automobilística, não fugiria, certamente, da má qualidade do produto posto à venda, das greves, do desemprego, das intervenções em sindicatos, etc. Sem esta visão integral do tema, o romance seria apenas entretenimento, aceitação, má literatura.

A Maçã Triangular é como um desses romances condensados. De trezentas páginas, reduzi-o a cento e vinte. Deixei apenas o essencial. Daí, para alguns, a sensação de complexidade. Aprendi, depois que passei a escrever contos, a dizer somente o importante, o necessário.

A Maçã Triangular é a miniatura de um grande painel. É um romance que exige participação do leitor, que deixa grande margem para especulações várias. O leitor terá vez para discordar, concordar, complementar, deduzir, acusar e defender.

NOTA DO EDITOR

Holdemar de Menezes é hoje um dos nomes importantes da ficção contemporânea brasileira. Sua obra está marcada pelo conflito do homem com o seu tempo, numa abordagem onde o destemor é o seu traço mais acentuado.

Sua bagagem literária compreende dois livros de contos, "A Coleira de Peggy" e "Sonda Uretral" (com o primeiro ganhou o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro), um livro de crônicas intitulado "O Barco Naufragado" e um volume de ensaio, "Kafka, o outro", onde estuda os elementos psicosexuais na obra do autor de "Muralha da China".

Para este ano está programado o lançamento de seu novo romance sob o título "O Residente".